

Teatro independente

“O Teatro Nacional português é o teatro independente”, afirmou Nuno Carinhas na Quinta-feira, na conversa que teve com o público a propósito de *Viagem de Inverno*. Carinhas, que dirigiu o Teatro Nacional São João até ao ano passado, referia-se ao facto de terem sido os grupos independentes, fundados ainda antes da Revolução, a terem “feito escola”. Isto é, a terem criado as estruturas que renovaram o teatro português, que realizaram o movimento de descentralização teatral, e nas quais desenvolveram as suas carreiras os principais criadores e técnicos portugueses.

Se não tivessem existido as companhias independentes os espectadores não teriam este ano Festival. Por um lado, trata-se de um festival organizado justamente por uma Companhia, em parceria com uma Câmara Municipal. E por outro, com a impossibilidade de programar mais de três espectáculos estrangeiros, e mesmo incluindo peças dos dois teatros nacionais, foram as companhias independentes quem assegurou a programação do Festival deste ano – três delas estreando espectáculos em Almada, ensaiados durante a pandemia.

Importa contudo clarificar do que se trata quando nos referimos a “companhias independentes”. Falamos de estruturas de criação. Organismos constituídos por equipas de profissionais formados na tal “escola” evocada por Nuno Carinhas. Sem essas pessoas – no caso da CTA, 35 elementos – não é possível realizar todas as tarefas de criação, gestão e produção de um teatro. Não teria sido possível realizar o Festival este ano. Quando se quer definir uma política teatral de fundo para o País, não há como deixar de ter esta evidência em conta.

Rodrigo Francisco

CELSO GIMÉNEZ, ENCENADOR DE *FUTURE LOVERS*

“Significa o dobro, estar aqui agora”

O nome La Tristura é quase uma reminiscência da tristeza infinita que todos sentimos um dia, quando somos jovens. Segundo Celso Giménez, o nome foi escolhido há mais de 15 anos e “não tem uma razão narrativa clara”. “Éramos muito pequenos e tínhamos uma concepção muito trágica e romântica da vida”. Queriam um nome simples – primeiro, surgiu a possibilidade de se chamarem directamente La Tristeza, contudo o nome que elegeram acabou por sobressair pelo seu carácter poético, menos claro e triste. “Os tristes” originais são Itsaso Arana, Violeta Gil e Celso Giménez, que se conheceram na RESAD (Real Escuela Superior de Arte Dramático, em Madrid), enquanto estudavam áreas distintas das artes do espectáculo. Começaram a projectar um tipo de companhia diferente antes de terminarem a faculdade, num acto de informalidade com os métodos a que eram expostos, “totalmente hierarquizados e dominados por homens, desapegados da vida”.

“Sentes que algo não te agrada e experimentas novas formas de o fazer – construo-me, para o bem ou para o mal, contra o outro. Mas chegou um momento em que pensámos: não queremos construir-nos contra nada, queremos que o sistema que fomos pouco a pouco inventando se torne parte do Mundo, um dar e receber”. Sempre se orientaram pela pergunta “como quero relacionar-me com o Mundo?”, que foi uma forma de estabele-



Violeta Gil e Celso Giménez

cer vínculos com a comunidade.

Em 2011 abriram a companhia a novas pessoas e começaram a fazer oficinas teatrais e *workshops* para a comunidade. *Future Lovers* resultou de um laboratório aberto, em 2017, no qual conheceram os adolescentes que agora, já na casa dos 20 anos, integram este espectáculo. “Não é documental, mas está perto”. A dramaturgia surge do processo de conhecer estes jovens, baseando-se nas suas experiências pessoais – a forma como falam, como discutem, como se apaixonam, como dançam.

“Queríamos focar-nos num período em que nos tornamos maiores de idade, por ser um momento da vida em que temos de tomar muitas decisões. De repente, temos de decidir tudo, quando não estamos preparados, nem educados, para tomar qualquer tipo de decisão. Pare-

ceu-me um momento muito bonito – universal e reconhecível”. Os La Tristura expõem uma intimidade que normalmente não é retratada no teatro, para transportar o espectador através de uma viagem nostálgica pela sua própria juventude.

Celso Giménez queria vir a Portugal há muito tempo. “Foi muito surpreendente. Quando o Rodrigo Francisco nos contactou há dois meses, estávamos absolutamente confinados, sem poder sair de casa”. Pensar, na altura, que em dois meses estariam em Portugal para apresentar *Future Lovers* parecia-lhes inacreditável. “Significa o dobro, estar aqui agora. Faz-nos tomar consciência de como é surpreendente, no século XXI, com todos os avanços tecnológicos e virtuais, simplesmente estar juntos, estar perto. Creio que a pandemia lhe deu ainda mais valor.”

Sofia Pancada com S.A.

A tragédia clássica no século XXI

No último colóquio desta semana tivemos o prazer de conversar com Luís Vicente, actor em *Instruções para abolir o Natal*, um texto de Michael Mackenzie, encenado por Isabel dos Santos. Começámos por falar da crítica ao sistema económico global e à crise de 2007-2008, na qual também se revê o contexto português. A moderação do encontro ficou a cargo de Statt Miller, que fez uma pertinente contextualização da peça e da sua relação com a mitologia clássica. Ficámos a conhecer o processo de pesquisa e trabalho por trás das interpretações dos actores, especialmente a de Sara Men-

des Vicente, que trabalhou com pessoas que sofrem de patologias semelhantes à de Cassandra, uma personagem que não se consegue relacionar com a esfera social (à semelhança da personagem mítica com o mesmo nome, castigada quando rejeita Apolo e condenada a que ninguém acredite nas suas profecias). Houve ainda tempo para revelar as dificuldades de trabalhar em plena pandemia, com uma encenadora à distância (em Montreal), num processo de ensaios que Luís Vicente caracterizou como "difíceis e intensos". A conversa mostrou-nos que esta é uma tragédia pouco convencional, cheia de



Statt Miller e Luís Vicente

planos prontos a ser deslindados, que lhe trazem múltiplas leituras possíveis. S.P. com S.A



© Luana Santos

À banca, à banca!

As medidas de segurança sanitária levaram à sua redução, mas, apesar disso, a banca do Festival resiste, no foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite. Para além das tradicionais t-shirts com o cartaz, da autoria de Pedro Proença (os sacos de pano já esgotaram...), encontram-se à venda, com descontos para o Clube de Amigos do TMJB, as edições da Companhia de Teatro de Almada. É também na banca que os Assinantes do Festival podem levantar gratuitamente a *kitbox* Rui Mendes: para o restante público esta edição tem um preço simbólico de dois euros.

Amigos de longa data

"O teatro de Almada conhece-me desde 1976", conta Celeste Rocha, enquanto sorri. Lembra o pós-25 de Abril, quando trabalhava numa fábrica de cortiça no Seixal e a comissão de trabalhadores reivindicou vários direitos, sendo um deles a realização de uma Festa dos Trabalhadores, pelo Natal. Para Celeste, foi uma prioridade ter teatro infantil na programação do evento, para os filhos de quem trabalhava na fábrica. Foi por essa altura que conheceu o actor António Assunção. "A partir daí, passaram a ser eles a realizar o espectáculo todos os anos, até a fábrica fechar, e tornei-me íntima da Companhia. O Joaquim Benite tinha sempre o cuidado de ter programação para a infância".



Celeste Rocha

Amiga de longa data desta "casa", Celeste veio a todas edições do Festival. "Nunca falhei uma única peça e confesso que este ano me tenho emocionado muito".

FICHA TÉCNICA

Direcção Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Tradução** Sarah Adamopoulos e Rodrigo Francisco | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo | **Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

AGENDA DE AMANHÃ

TEATRO

15:00

Johan Padan a la descoberta de le Americhe

Incrível Almadense

15:00 e 21:30

As artimanhas de Scapin

Fórum Romeu Correia

16:00

Future Lovers

Sala Principal TMJB

16:00 e 21:30

Instruções para abolir o Natal

Academia Almadense

19:00

Mártir

Sala Experimental TMJB

RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Carapaus fritos com salada russa
- Frango à moda marroquina

AMANHÃ

- Filetes com molho de pickles
- Vitela com passas

